

NASCIMENTO, AMADURECIMENTO E MEMÓRIA EM *VERMELHO AMARGO*: UM DIÁLOGO COM A PSICANÁLISE DE WINNICOTT

Carolina Ghirello Pires

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: cah.ghirello@gmail.com

Caroline Vasconcelos Ribeiro

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

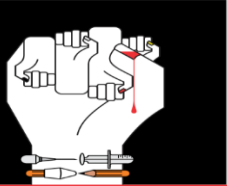
Endereço eletrônico: carolinevasconcelos@hotmail.com

1978

INTRODUÇÃO

Prosa poética de cunho autobiográfico, *Vermelho amargo* (2011) é a última obra publicada em vida pelo escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós. Celebrado pelo talento com que escreveu suas dezenas de livros infanto-juvenis (tendo sido premiado com o Jabuti na categoria juvenil em 1983), marcado por exílios de pátria (durante o regime ditatorial civil-militar de 1964-1985) e pela falta da mãe (que faleceu quando ele tinha seis anos), Bartolomeu tinge de dor e amor suas últimas letras destinadas às memórias do menino que foi (por toda a vida). Este trabalho propõe uma leitura psicanalítica da narrativa queirosiana em seu ‘Canto do cisne’, mais precisamente, uma leitura a partir das contribuições de Donald Woods Winnicott.

Articularemos a expressão literária da relação entre amor e dor nos processos do nascimento e amadurecimento à concepção winnicottiana de amor, cuja formulação ultrapassa a dimensão pulsional da descarga energética e alívio do desprazer, conforme definida por Freud, ampliando-se para o campo da confiabilidade e da previsibilidade dos cuidados ambientais. Winnicott nos aponta para a importância de uma fonte da experiência amorosa distinta daquela proposta por Freud – relativa ao atendimento do desejo –, a saber, a possibilidade de uma relação tranquila, segura e satisfatória entre mãe e bebê desde a gestação, durante o parto e ao longo da infância, na qual se torna viável uma experiência de prazer que já não é a do alívio de desprazer, mas a experiência da “continuidade de ser”, da espontaneidade e criatividade presentes no simples fato de existir e poder se sentir cuidado (WINNICOTT, 2000a; LEJARRAGA, 2012). Entendemos que esse olhar ressoa no texto do narrador de *Vermelho amargo*, para quem é necessário experimentar o prazer para poder, posteriormente, suportar a dor. Nesse sentido, afirma: “Vim ao mundo molhado



pelo desenlace. *A dor do parto é também de quem nasce*. Todo parto decreta um pesaroso abandono. Nascer é afastar-se – em lágrimas – do paraíso, é condenar-se à liberdade” (QUEIRÓS, 2011, p. 8). Em função deste tipo de ressonância, propomos nessa pesquisa um diálogo da psicanálise winnicottiana com o referido conto. Isso justifica-se em função do profundo entendimento winnicottiano acerca dos processos implicados na experiência do nascimento e do amadurecimento humanos, tangenciados por Queirós no conto em análise através das marcas e signos da memória em sua infância e crescimento. A pesquisa aqui exposta justifica-se, ainda, por propor um diálogo entre a literatura e a psicanálise, cujo fito é evidenciar como os conceitos formulados por Winnicott podem ser ilustrados pela narrativa de Queirós.

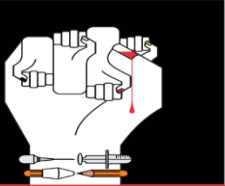
1979

METODOLOGIA

Essa pesquisa é de natureza bibliográfica e consiste na análise temática dos principais eixos narrativos e traços mnemônicos do conto de Queirós (reflexões do narrador; a perda da mãe; a distância do pai; a presença da madrastra; a progressiva partida dos cinco irmãos; as marcas do nascimento, do amadurecimento, do amor e da morte; os gestos dos outros tecendo a trama da memória). Efetuada esta análise, um outro passo metodológico que lhe concerne consiste na interrelação com textos de Winnicott, nos quais o autor destaca a relação entre nascimento, amadurecimento e memória, temas recorrentes na obra literária em questão. A ênfase consiste no entendimento da maneira como Winnicott pensa a articulação entre nascer, amadurecer e poder habitar sua própria história, desde a chegada ao mundo (WINNICOTT, 1958/1983; 1999; 2000a; 2000b). Para tanto, lançaremos mão dos signos imagéticos do *tomate* e da *faca* – presentes no conto de Queirós –, os quais estabelecem tanto o arco dramático quanto a própria possibilidade de apreensão de sentido pelo narrador em relação ao ambiente familiar em que nasceu e cresceu.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O último livro de Queirós, intitulado *Vermelho amargo* (2011) percorre contundentemente as marcas da experiência de nascer, crescer e amadurecer em meio às perdas, às ausências, às dores e, apesar de tudo, em meio ao amor. Apresentando a família, o narrador (o próprio Bartolomeu) demonstra seu teorema: o tomate, símbolo onipresente e divisa sensorial do seu mundo, o permite captar a presença e a ausência de amor no modo



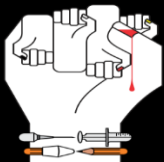
como o legume é cortado, dividido, servido, comido e sorvido-saboreado (conforme cada caso) pelos habitantes da casa. A faca, instrumento e arma, num caso ou noutro, também preenche a atmosfera e torna sensíveis as emoções que circulam em volta da mesa.

Oito. A madrastra retalhava um tomate em fatias, assim finas, capaz de envenenar a todos. Era possível entrever o arroz branco do outro lado do tomate, tamanha a sua transparência. Com a saudade evaporando pelos olhos, eu insistia em justificar a economia administrativa dos gestos. Afiando a faca no cimento frio da pia, ela cortava o tomate vermelho, sanguíneo, maduro, como se degolasse cada um de nós. Seis. (QUEIRÓS, 2011, p. 9).

1980

Como se pode notar na passagem acima, a obra é estruturada segundo o procedimento da montagem literária de fragmentos de memória e reflexões, conforme direções narrativas que, em sua pluralidade, se unificam pela convergência entre a fé mundana no amor (expressada pela criança que narra) e as feridas (as marcas) que este mesmo amor, presente-ausente, deixou em sua memória: “Daí, veio me sobrar amor sem ter a quem amar” (QUEIRÓS, 2011, p. 11). Órfão da mãe, fonte e molde de todo seu amor, o menino se vê assombrado pela dor. “Aturdido. Eis uma palavra muda traçando fronteira com a loucura. [...] Aturdido por ter as carnes atrofiadas sobre os ossos. Aturdido por ter a alma como carga, e suportá-la para viver o eterno que existia depois de mim. Aturdido por ser mortal abrigando o imortal.” (QUEIRÓS, 2011, p. 14) Relembrando a presença lúdica da mãe, o menino rememora a forma dada por ela aos tomates, nesse sentido, narra que outrora a sua mãe, cheia de afago, “(...) fatiava o tomate em cruz, adivinhando os gomos que os olhos não desvendavam, mas a imaginação alcançava. Isso, depois de banhá-los em água pura e enxugá-los em pano de prato alvejado, puxando seu brilho para o lado do sol”. O prazer de comer os tomates cortados como em pequenas embarcações que pousavam sobre a língua, mostra a experiência que suscitou, nele, “(...) um gosto de palavra por dizer-se. Há, sim, outras palavras mais doces que o açúcar” (QUEIRÓS, 2011, p. 15). Na imagem do prazer de comer estes pequenos barcos está embutido o que Winnicott (2000b) chama de cuidados ambientais suficientemente bons, aqueles que marcam uma memória não representacional capaz de me permitir seguir sendo a partir de um lugar pessoal, em primeira pessoa.

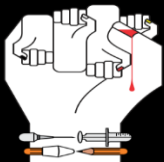
Após a morte da primeira esposa, resta ao pai a silhueta ébria, evasiva, longínqua, que observa ausente a si mesmo seu destino. Este notava a fome dos filhos e “enxergava o manejo da faca desafiando o tomate e, por certo, nos pensava devorados pelo vento ou tempestade, segundo decretava a nova mulher” (QUEIRÓS, 2011, p. 10). O fruto se



configura, agora, como uma espécie “hóstia maculada de ameaça”, cheia de abandono e cálculo, perfazendo a ausência do amor que fala Winnicott (1999), um amor que se desvela em forma de trato cotidiano perpassado por cuidados físicos e emocionais. E é essa memória silenciosa da experiência amorosa herdada da mãe (mais que pela melancolia de sua perda) que o narrador encontra seus próprios meios de absorver as partidas: “O medo da solidão pode nos tornar acessíveis, recomendava a mãe. Impor-se atento diante da solidão é questão de prudência” (QUEIRÓS, 2011, p. 55-6). Entendemos que o “impor-se atento diante da solidão”, é uma expressão literária que remete àquilo que Winnicott (1958/1983) apontou como “capacidade de estar só”, o paradoxo de estar só na presença do outro, que se distingue do estado de abandono e separação. Com Winnicott (1958/1983), podemos dizer que a mãe do narrador lhe preparou para suportar a solidão porque esteve presente de forma suficientemente boa, de forma empática e atenta devido à sua marca amorosa. É somente porque teve a ligeira (mas fundamental) presença da ‘mão do amor’ – harmoniosa companhia que nos permite desfrutar do movimento espontâneo do nosso corpo e do exercício da ilusão de onipotência nos primeiros giros da nossa infância – que o menino narrador de *Vermelho amargo* pode escapar à frieza milimétrica da madrastra enraivecida, à presença vazia do pai, à subtração dos irmãos e irmãs, aos fantasmas e horrores da passagem do “impiedoso tempo”. Na obra em comento encontramos a seguinte passagem:

Havia na cidade a madrastra, a faca, o tomate e o fantasma. A mãe morta ressuscitava das louças, das flores, dos armários, das cadeiras, das panelas, das manchas dos retratos retirados das paredes, das gargantas das galinhas. E ressurgia encarnada em nós, sua prolongada herança. Impossível para a madrastra assassinar o fantasma, que inaugurava o ciúme, sem passar por nós, engolidores do seu ódio. Ao cortar o tomate – aturdido, eu supunha – ela o fazia exercitando um faz de conta” (QUEIRÓS, 2011, p. 16).

Com Winnicott (2000b) conseguimos entender como nascimento, amadurecimento, amor e morte se imbricam como planos coexistentes da memória do menino Bartolomeu, que aprendeu, com o tempo, que a vida não tinha cura e nos fez ver que é “impossível para uma criança viver a lucidez da ferida em que se abre ao nascer, e não há bálsamo capaz de cicatrizá-la vida afora. *Nascer é abrir-se em feridas*. [...] O amor da mãe que se fora transbordava, ou melhor, derramava da memória” (QUEIRÓS, 2011, p. 18; 20, grifos nossos). O resultado desta pesquisa aponta para o quanto a narrativa de Queirós, coberta de delicadeza e riqueza imagética dos mínimos gestos, tecem a trama de sua memória em uma costura necessária, como nos ensina Winnicott, com o campo do afeto, dos cuidados da mãe



e dos descuidos da madrasta. Ao efetuar um diálogo com a narrativa de *Vermelho amargo*, a pesquisa ora descrita nos apresenta como resultado um alargamento e aprofundamento com o sentido da maternagem e da memória que ela entabula nos primeiros anos de vida do infante. É neste sentido que, acompanhando o pediatra inglês, aprendemos que a mãe, muito mais que a pessoa que se ocupa dos primeiros cuidados do bebê/criança, é a via régia da construção da relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo: “Quanto ao ambiente, pedaços da técnica do cuidar, de rostos vistos e sons ouvidos e cheiros cheirados são apenas gradualmente reunidos e transformados num único ser, que será chamado mãe” (WINNICOTT, 2000b, p. 224). A conexão entre a psicanálise Winnicott e *Vermelho amargo* torna transparente a impossibilidade de a madrasta – ou quem quer que seja – assassinar ou apagar a memória consolidada dos cuidados maternos que habitava o personagem, memória entronizada naqueles barquinhos de tomate que alcançavam a boca tornando a simples refeição um lúdico e amoroso exercício de “faz de conta”, afinal, “a mãe fazia a fantasia virar verdade” (QUEIRÓS, 2011, p. 26).

1982

CONCLUSÕES

O contraste afetivo situado pela distinção entre os tomates cortados pela mãe e pela madrasta, as emoções que cada situação provoca, a maneira como os membros da família sorvem sua cota do fruto, sua presença nos sonhos e divagações, a analogia entre a divisão do tomate e as ausências, perdas e lutos que marcam a casa, são imagens que distinguem não apenas as personagens entre si, mas nos fazem ver o mundo compreendido pela criança (narrador) em seus pontos cardeais de orientação, isto é, em relação à presença e ausência do amor e da dor que tecem sua própria memória, entrelaçada de visceralidade e delicadeza. Concluimos entendendo que *Vermelho amargo* nos projeta num âmbito imagético que dialoga, de modo frutífero, com a maneira como Winnicott pensa o amadurecimento humano, as marcas que ele imprime em nossa existência e a maneira como um passado – seja de cuidados e/ou de descuidos – tece nossa herança mnemônica e nossa maneira de lidar com a vida.

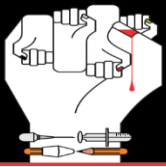
PALAVRAS-CHAVE: Amadurecimento. Literatura. Memória, Nascimento. Psicanálise.

Realização:



Apoio:





REFERÊNCIAS

LEJARRAGA, Ana Lila. *O amor em Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond/Faperj, 2012.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Vermelho amargo*. 2. ed. São Paulo: Global, 2017.

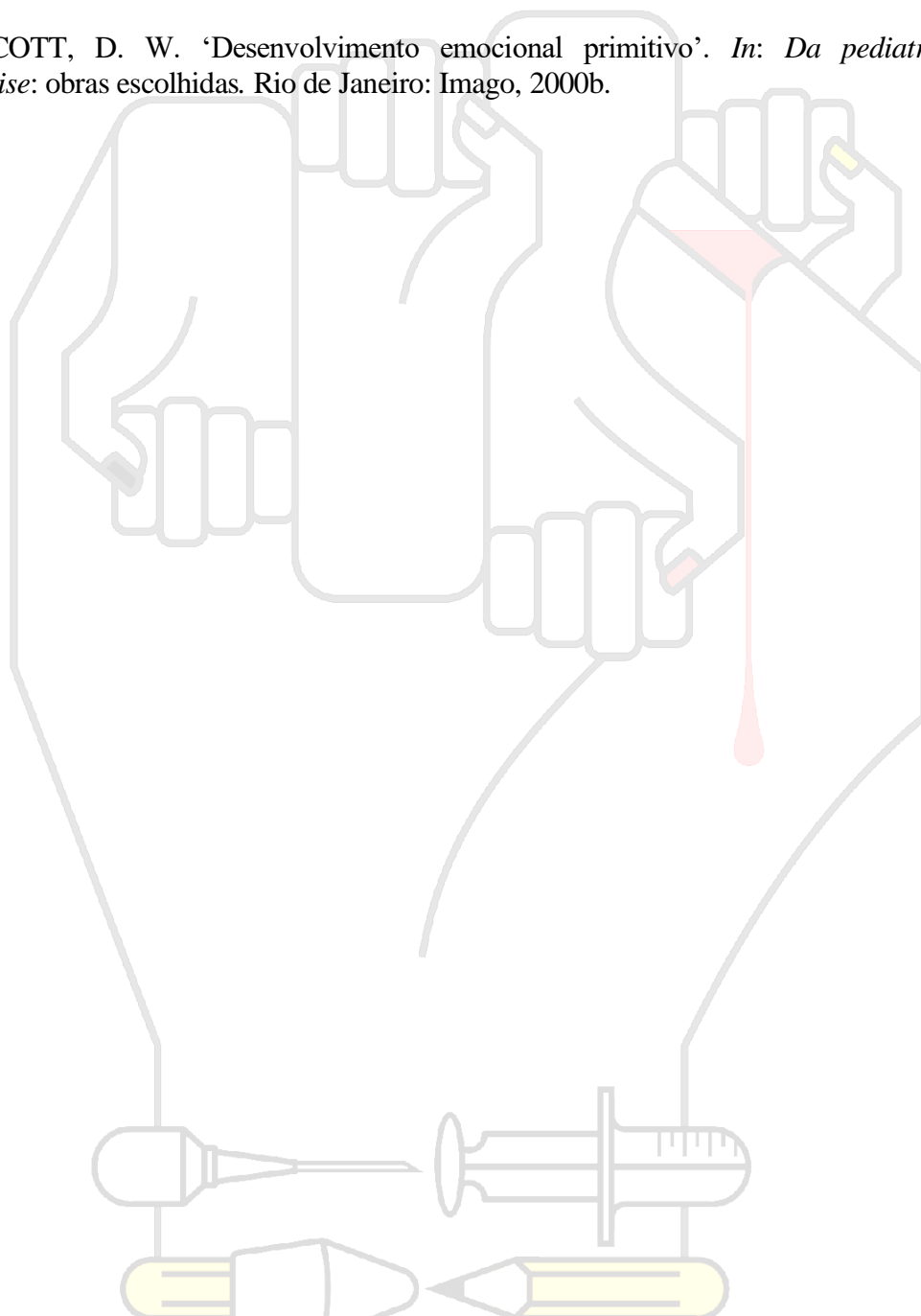
WINNICOTT, D. W. (1958) 'A capacidade de estar só'. In: *O Ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983. pp. 31-7.

WINNICOTT, D. W. 'A contribuição da psicanálise à obstetrícia'. In: *Os Bebês e Suas Mães*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, D. W. 'A preocupação materna primária'. In: *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000a.

WINNICOTT, D. W. 'Desenvolvimento emocional primitivo'. In: *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000b.

1983



Realização:



Apoio:

